

## entrevista

# ISAQUE PINHEIRO

por HELENA OSÓRIO  
fotos PUNCTUM



## Passado, presente, futuro...

Isaque Pinheiro desenvolve um trabalho simbólico, partindo de jogos de ironia e trocadilhos, e relacionando-se com os paradoxos que ligam o Homem ao contexto global.

A acção do corpo associada à elevação do espírito é uma constante na sua obra – como são frequentes reflexões sobre a religião, a natureza, a vida, a morte, o crime, a corrupção. Isaque Pinheiro elege materiais como o mármore, couro, cerâmica e outros que vai retirando do dia-a-dia numa atitude duchampiana (*readymade*). As suas propostas inesperadas, estabelecem no entanto um diálogo com a tradição. Não se trata propriamente de um regresso ao passado mas, como explica: «tenho a possibilidade (historicamente assegurada) de apropriar-me não só de aspectos do passado, como também de materiais não artísticos, de temas actualíssimos e de suportes não convencionais». Assim, Isaque Pinheiro apodera-se de uma série de objectos do quotidiano que tem à mão e dá-lhes outras leituras. Salientamos o caso da árvore que desmontou e transformou em marioneta, reconstruindo-a com base em articulações esculpidas nos troncos e galhos. Um trabalho sobre a natureza humana e natural que apresentou, recentemente, na galeria Presença do Porto e está ainda em fase de estudo (como outros).

▲ Isaque Pinheiro é considerado um artista com uma visão desintelectualizada da arte. No entanto, recorre na sua obra a inúmeras alegorias – como aquela das asas de couro de Ícaro que sobrevoou pela primeira vez o Mar Egeu. Como o explica?

Compreendo que o meu processo criativo, em comparação com o da maioria dos artistas, seja numa primeira análise visto como uma desintelectualização da arte mas, indo mais fundo, acho que argumentar que o facto de o meu trabalho não resultar de princípios intelectuais, não quer dizer nem que a minha visão da arte seja desintelectualizada, nem que os meus resultados o sejam. O sentido do meu trabalho nasce dos desdobramentos do meu processo criativo, mas esse encadeamento pode ser mapeado (pela crítica, etc.) intelectualmente.

▲ Parece, assim, acompanhar os ensinamentos da escola académica quando esta desenvolvia temas da mitologia e religião com base numa iconografia que remete para um mundo culto. Considera importante referenciar o passado na obra contemporânea? A meu ver, não me parece que eu retorne os ensinamentos da escola académica. Talvez deva

explicar que, tal como noutras peças que fiz e que possam remeter para temas da mitologia, a das asas de couro não foi concebida como algo referido especificamente ao voo de Ícaro. No entanto, não nego a legitimidade desse tipo de aproximações.

No caso das asas foi muito engraçado o processo: eu tinha uma exposição marcada para São Paulo em parceria com Rute Rosas e estávamos com alguma dificuldade em idealizar os trabalhos, porque não tínhamos nenhum tipo de apoio para os transportes. Passou-nos pela cabeça que poderiam ter o carácter de malas, para facilitar os transportes, mas sentia-me um pouco angustiado por o meu trabalho normalmente envolver materiais com algum peso físico e sentia-me como se me tivessem dado asas, mas eu calçasse sapatos de pedra. Assim surgiu a obra: uma mala em forma de asas fechadas que transporta uns ténis de mármore. Na galeria a mala está aberta em forma de asas abertas, os ténis saem para fora e servem de contrapesos através de duas roldanas para manterem as asas suspensas. Chamei-lhe «Sapatos de pedra e um horizonte aberto».

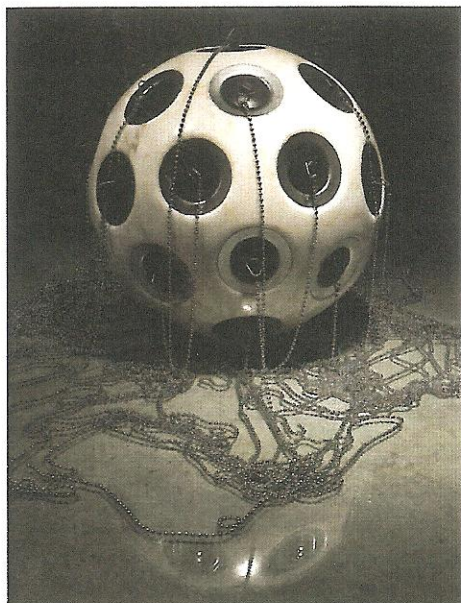
▲ Mas, a mitologia não deixa de ser insinuada...

Foi assim que se desencadeou o processo deste trabalho, o que não evita que vá viajando nas possíveis interpretações, como mitologia, actualidade, etc.. E mesmo depois de a obra estar concluída não rejeito interpretações de terceiros e muitas vezes descubro melhor o meu trabalho. Em muitos casos, a obra não pára de comunicar comigo (mesmo através de intérpretes). Faz parte do tal desdobramento do meu processo criativo. De facto, temas como a mitologia têm vindo à tona, mas não se trata do meu trabalho actualizar fragmentos do passado. Acontece que, tal como outros artistas contemporâneos, tenho a possibilidade (historicamente assegurada) de apropriar-me não só de aspectos do passado, como também de materiais não artísticos, de temas actualíssimos e de suportes não convencionais. Esse teor híbrido interessa-me mais do que reduzir a minha poética a uma releitura do passado.

▲ O recuar no tempo em busca de uma resposta para a actualidade é (ou não) consciente?

Mais do que procurar respostas, tento formular questões e estas questões são aquelas do mundo em que





**Planeta Piercing**  
2006  
Mármore, inox e borracha  
Ø 30 cm



**Apego a um lugar**  
2007  
Couro, fita-cola industrial, papel, metal,  
resina de poliéster e fibra de vidro

vivo. O nosso mundo é um mundo de citações, de edições. Tudo isso supõe uma relação com o passado que já não pode ser (como era no modernismo) baseada na ruptura. Passado, presente e futuro baralham-se no quotidiano deste começo de milénio.

▲ **Podemos chamar-lhe um diálogo com a tradição?**  
Creio que não.

▲ **Explora a poética de objectos do quotidiano como capacetes, malas, roupas. Esta atitude liga-se à tentativa de eternizar aquilo que é efémero e com o qual vivemos no dia-a-dia sem lhe reservar um olhar...**

Curiosamente, esta pergunta evidencia a pluralidade dos meus interesses e é contrária a uma possível ideia de que o meu trabalho se restrinja à actualização de temas e repertórios clássicos.

Mas, respondendo à sua pergunta...

Quando comecei a descobrir as técnicas de trabalho em mármore usei sem preconceitos o repertório que me estava mais à mão: o quotidiano.

Estes objectos eram perfeitos para o tipo de trabalhos que queria exercitar: o ilusionismo da técnica.

Mas não é só isso, já que está patente o humor, uma ironia silenciosa que relativiza quaisquer impulsos de eternizar. E, também, olhando para trabalhos recentes como o da camisa feita de fita-cola, são tão efémeros que desmontam qualquer tentativa de eternização.

▲ **Há uma procura de formas puras...**

Não as procuro deliberadamente, nem acho que meu o trabalho busque abstrações (isto é: formas puras).

▲ **O mármore, o gesso, surgem frequentemente na sua obra, conectando-a com a arte da Antiguidade Clássica. Qual o material preferido? Porquê.**

Arrisco dizer que neste momento não tenho materiais preferidos, mas materiais adequados ao que quero dizer ou fazer sentir. É claro que o mármore e o gesso, materiais usados na arte greco-romana-renascentista, pela sua simples utilização podem evocar a antiguidade clássica, mas fita-cola, loiças sanitárias e outros materiais por mim usados evocam o quê? Certamente que eles se referem à actualidade.

▲ **A natureza é, também, uma preocupação. A forma como a articula, multiplicando e direccionando por exemplo os ramos de uma árvore caída, permite-nos tirar uma mensagem universal. Parte da natureza humana para a terra mater, procurando sensibilizar para alguns problemas sociais e culturais...**

É uma interpretação possível das minhas esculturas mais recentes...

Árvores marionetas articuladas que se projectam com fios em direcção às respectivas cruzetas que por alguém ou algo são manipuladas. São uma visão do presente entre o passado e o futuro. «Em cima da terra e debaixo do céu» foi o título que dei a esses trabalhos onde tento fazer uma ligação entre estados em que não estamos, mas de que fazemos parte ou presenciamos a ligação entre.

Interessou-me bastante a ideia de desmontar a árvore e voltar a montá-la, respeitando a organização original, mas apresentá-la parcialmente murcha, remetendo para uma marioneta aparentemente inactiva.

São trabalhos que estou a estudar e que ainda têm muito para me contar. ■